

Do Sínodo dos Bispos ao Ano da Fé na Diocese do Porto

Manuel Clemente*

1. A última assembleia do Sínodo dos Bispos decorreu em Roma no passado mês de outubro, versando o tema "A nova evangelização para a transmissão da fé cristã". É bom lembrá-lo, porque faz incidir a atenção na fé a transmitir, mais do que no modo de o fazer. Desde João Paulo II que se insiste na urgência duma "nova evangelização", que o seja no ardor, nos métodos e nas expressões (Haiti, 1983); mas o que está verdadeiramente em causa é uma fé que se possa legitimamente chamar "cristã" e que importa transmitir, quer em sentido intergeracional quer mesmo em sentido transversal, entre coetâneos.

Esta primazia da fé cristã previne qualquer sobrevalorização da novidade dos métodos e das expressões que eventualmente se empreguem, desvio sempre possível mas não desejável. De facto, a própria fé encontra os modos de se transmitir, sendo ela viva e – contrariamente ao que desejavam os laicismos de há um século e não só – irredutível ao íntimo de quem a diga ter. O contrário já não é assim, se partirmos dos meios para um conteúdo fraco a transmitir, quando não questionável em termos propriamente cristãos.

* Bispo do Porto; Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Porto.

A exposição que se segue apresenta uma síntese pessoal do que principalmente apurei da assembleia sinodal de outubro. Mas tanto o que valorizei como o que lá tive ocasião de partilhar, no plenário e nos trabalhos de grupo, refletem o que vou tomando como prioritário, quer na diocese do Porto (desde 2007), quer na Igreja em Portugal.

2. Se repararmos, ainda que muito brevemente, em dois milénios cristãos, podemos quase alternar períodos fortes e períodos fracos, no que à evangelização diz respeito. Mais ainda, poderemos constatar que nos períodos fracos se nota uma certa exuberância de formas, que mal esconde convicções rarefeitas... Nem é preciso ser demasiado sugestivo para reparar em tal cadência.

A primeira evangelização brotou claramente da fé em Jesus, no que dissera e fizera, cumprindo as profecias e respondendo à esperança dos homens. Algumas afirmações neotestamentárias vincam-no especialmente: «Quanto a nós, não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos», responderam Pedro e João a quem os queria impedir de falar ou ensinar em seu nome (*At* 4, 20). Mais tarde, será Paulo a dizer, resumindo a atividade própria: «Amparado pela proteção de Deus, continuei a dar o meu testemunho, diante de pequenos e grandes, sem nada dizer além do que os Profetas e Moisés predisseram que havia de acontecer: que o Messias tinha de sofrer e que, sendo o primeiro a ressuscitar de entre os mortos, anunciaria a luz ao povo e aos pagãos» (*At* 26, 22). E assim alastrou a fé cristã em toda a roda do Mediterrâneo nos séculos seguintes, não sendo decerto por falta de meios exteriores – e mesmo exterioridades – que sofreu depois com a queda do Império Romano do Ocidente no século V...

A segunda evangelização do espaço que nos toca mais de perto acontecerá depois e entre os “bárbaros”, protagonizada sobretudo por monges – beneditinos ou outros – que tinham como único apoio a fé que os trouxera ao mosteiro e os podia fazer missionários e porventura mártires. Assim o declarava o prólogo da *Regra de São Bento*: «A ti, pois, se dirigem neste momento as minhas palavras, quem quer que sejas que, renunciando à tua vontade própria para combater [espiritualmente] ao serviço de Cristo Senhor, Rei verdadeiro, lanças mão das mui fortes e preclaras armas da obediência». Foi esta obediência que os fez partir, como quando o papa Gregório Magno os enviou para Inglaterra, meio século após a morte de São Bento. E nada mais os levava realmente, além do «serviço de Cristo Senhor, Rei verdadeiro».

Destas e de outras missões, entre o século V e o X, nasceu o continente europeu como o conhecemos, podendo por isso chamar-se geralmente “cristandade”. E não foi por falta de grandes concretizações materiais, políticas e plásticas que ela veio a suportar grandes crises internas na viragem do milénio

ou no tempo que se seguiu, correspondendo a custo ao crescimento demográfico e ao renascimento urbano. Na altura, do século XII para o XIII, o melhor que aconteceu foi precisamente onde se retomou um cristianismo autenticamente “cristão”, ou seja, (re)conduzido a Cristo e ao decalque da sua vida e pregação. Sobressai, entre outros, o exemplo de Francisco de Assis, que assim mesmo escreveu na *Carta a todos os fiéis*: «Não devemos ser sábios e prudentes segundo a carne, mas procuremos antes ser simples, humildes e puros. Nunca devemos estar acima dos outros, mas devemos antes ser servos e súbditos de toda a criatura humana por amor de Deus. E sobre todos aqueles que assim procederem e perseverarem até ao fim, repousará o Espírito do Senhor, que neles fará sua habitação e morada, e serão filhos do Pai celeste, cujas obras imitam; eles são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo» (*Liturgia das Horas*, 4 de outubro).

Também não terá sido por falta de meios de toda a ordem – talvez por excesso deles – que a cristandade ocidental se dividiu no século XVI e se contrafez em guerras ditas “de religião”, que tanto descrédito lhe acarretaram... E, mais uma vez, relançou-se, interna e externamente, em novos reencontros com Cristo, vividos e expandidos agora com tudo quanto se somara de caminho interior e dinamismo missionário, propriamente “modernos”. Como os que ressoam neste trecho seleta de Francisco Xavier, escrevendo da Índia em 1544: «Muitos deixam de se fazer cristãos nestas terras, por não haver quem se ocupe de tão santas obras. Muitas vezes me vem ao pensamento ir aos colégios da Europa, levantando a voz como homem que perdeu o juízo e, principalmente, à Universidade de Paris, falando na Sorbona aos que têm mais letras que vontade para se disporem a frutificar com elas. [...] Muitos se moveriam a procurar, por meio dos Exercícios Espirituais, conhecer e sentir dentro de suas almas a vontade divina, conformando-se mais com ela do que com suas próprias afeições, dizendo: “Senhor, eis-me aqui: que quereis que eu faça? Mandai-me para onde quiserdes; e, se for preciso, até mesmo para a Índia”» (*Liturgia das Horas*, 3 de dezembro).

Sabemos que este tipo de verdadeiro “entusiasmo” (= inspiração divina) esteve na base do que podemos considerar a quarta evangelização da Europa, através de conversões mais personalizadas, catequeses mais fundamentadas, seminários e colégios, missões internas e externas... Grande parte do que chegou aos nossos dias provém daqui, catolicamente falando. E também não foi exatamente por falta de possibilidades de deslocação e comunicação que entretanto enfraqueceu a presença cristã em largos setores da sociedade e da cultura, de há dois séculos para cá.

O que também aconteceu, positivamente aconteceu, no catolicismo militante dos séculos XIX e XX, foi precisamente o reencontro de Cristo como

substância e motivo da fé e do "apostolado". Do Cristo eucarístico aos respetivos "congressos", sempre com a renovação social no horizonte, ao cristocentrismo patente no magistério pontifício e do Vaticano II, a "nova evangelização" foi abrindo caminho. Ainda antes de João Paulo II, cujo ministério petrino sempre incidiu em Cristo Redentor, Paulo VI não deixara dúvidas na *Evangelii Nuntiandi* (1975): «A evangelização há de conter também sempre – ao mesmo tempo como base, centro e ápice do seu dinamismo – uma proclamação clara de que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus» (n.º 27). E, nesta mesma exortação apostólica pós-sinodal, o papa Montini já urgia uma "nova evangelização" propriamente dita, mesmo que ainda não usasse o termo: «Se é verdade que este primeiro anúncio se destina especialmente àqueles que nunca ouviram a Boa Nova de Jesus e às crianças, é verdade também que ele se mostra cada vez mais necessário [...] igualmente para multidões de homens que receberam o Batismo, mas vivem fora de toda a vida cristã, para as pessoas simples que, tendo embora uma certa fé, conhecem mal os fundamentos dessa mesma fé, para os intelectuais que sentem a falta de um conhecimento de Jesus Cristo sob uma luz diversa da dos ensinamentos recebidos na sua infância e, ainda, para muitos outros» (n.º 52).

É o programa completo duma quinta evangelização geral, que volte a oferecer a possibilidade cristã aos nossos contemporâneos de perto ou de longe, mas sempre no "lugar" vivo, disponível e único em que, segundo cremos, Deus nos reencontra e nós reencontramos a Deus. N'Aquele que não hesitou em dizer de si mesmo: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por mim» (Jo 14, 6).

3. *A Mensagem sinodal* (cf. *L'Osservatore Romano*, ed. port., 3 de novembro de 2012, pp. 6-9) vai toda nesse mesmo sentido, do (re)encontro de Cristo. Di-lo logo a abrir o n.º 2: «Guiar os homens e as mulheres do nosso tempo a Jesus, ao encontro com Ele, é uma urgência em todas as regiões do mundo, de antiga e de recente evangelização. De facto, em toda a parte se sente a necessidade de reavivar uma fé que corre o risco de se ofuscar em contextos culturais que obstaculizam a sua radicação pessoal e a presença social, a clareza dos conteúdos e os frutos coerentes.»

Importa determo-nos aqui, pois este passo contém praticamente o essencial da reflexão e da proposta sinodais: a) a nova evangelização visa proporcionar aos nossos contemporâneos o encontro com Jesus Cristo; b) isto mesmo deve acontecer, tanto em terras que foram evangelizadas há muito, como naquelas que o foram mais recentemente, por esse mundo além; c) em todas

elas urge reavivar uma fé contrariada por contextos culturais que lhe resistem, bem como à sua incidência social.

Fixemo-nos nestes aspetos culturais e sociais que dificultam uma fé cristã assumida e operosa, mais ou menos e em toda a parte. Para quem participou diretamente na assembleia sinodal e ouviu tantas intervenções de proveniências tão distintas, duas palavras poderão resumir o problema: *globalização* e *secularização*.

Palavras algo ambíguas, pois podem ter um sentido positivo – enquanto maior proximidade de todos a tudo, mediática e não só; ou respeito por dimensões intermédias da realidade, em que nos encontramos como humanidade racional e ativa, ainda “antes” de nos finalizarmos religiosamente –, mas que consentem derivações perigosas.

Assim acontece, quando globalização significa abstração ou desrespeito de quanto necessariamente nos localiza e define, deixando-nos indefesos perante totalitarismos de vária ordem: económicos, políticos ou ideológicos. Assim acontece também, quando uma secularização pouco advertida redundando em secularismo, não dando espaço nem relevo a dimensões mais definitivas do acontecer e do ser, exatamente aquelas onde se jogam a liberdade das pessoas e o significado das coisas.

Cria-se então um clima que, de facto, clara ou veladamente, «obstaculiza a radicação pessoal (da fé) e a presença social, a clareza dos conteúdos e os frutos coerentes (da mesma fé)», como atrás vimos. Em tais contextos, é fácil secundarizar ou relativizar a fé recebida, demorar em transmiti-la, ou reacear manifestá-la pública e coerentemente. E isto tanto pode acontecer no Porto, como em Paris, em Nova Iorque, no Rio, em Luanda, em Cochim, ou em Hong Kong... De toda a parte se aludiu a estes “contextos”.

4. É indispensável reproduzir hoje as condições que permitiram a revelação de Cristo, como há dois mil anos aconteceu. A *Mensagem* sinodal inspira-se para isso num trecho do Quarto Evangelho (*Jo* 4, 5-42), dizendo que «como Jesus no poço de Sicar, também a Igreja sente que se deve sentar ao lado dos homens e mulheres deste tempo, para tornar presente o Senhor na sua vida, para que O possam encontrar, porque só o seu Espírito é a água que dá a vida verdadeira e eterna» (n.º 1).

Com isto mesmo se prende, sempre no número 2, outra das afirmações essenciais da *Mensagem* sinodal à comunidade referente: «Os mudados cenários sociais, culturais, económicos, políticos e religiosos chamam-nos a algo novo: a viver de modo renovado a nossa experiência comunitária de fé e o anúncio...». De facto, para contrariar o globalismo dispersivo e o secularismo redutor, são imprescindíveis comunidades de fé, que tanto localizem a

pertença como alarguem o horizonte e apoiem a decisão. É outro modo de referir, quer a encarnação do Filho de Deus, quer a divinização dos seus discípulos, que o mesmo é dizer a sua integração comunitária, único acesso ao Deus Amor.

A evangelização foi uma experiência comunitária. O anúncio do Evangelho e a formação do grupo dos discípulos foi praticamente uma coisa só, da parte de Cristo. Nisto se distinguiu e distingue o cristianismo de antigas e reincidentes derivas "gnósticas", que intelectualizam ou subjetivizam a doutrina e subalternizam a comunidade. A primeira carta de João é categórica: «O que nós vimos e ouvimos [relativamente ao Verbo da Vida], isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco. E nós estamos em comunhão com o Pai e com o seu Filho, Jesus Cristo» (1 Jo 1, 3). Tudo é dito no plural, para ser vivido conjuntamente, como vivem o Pai e o Filho (na unidade do Espírito). Depois, o autor é ainda mais explícito: «A Deus nunca ninguém o viu; se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor chega à perfeição em nós» (1 Jo 4, 12).

No mesmo sentido, Paulo fala da Igreja como duma incorporação, escrevendo aos coríntios: «Pois, como o corpo é um só e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo, assim também Cristo. De facto, num só Espírito, fomos todos batizados para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos ou livres, e todos bebemos de um só Espírito» (1 Co 12, 12-13). Também Bento XVI, na sua primeira exortação apostólica pós-sinodal, quis lembrar que «a antiguidade cristã designava com as mesmas palavras – *corpus Christi* – o corpo nascido da Virgem Maria, o corpo eucarístico e o corpo eclesial de Cristo» (*Sacramentum Caritatis*, n.º 15).

Comunidades concretas de fiéis presentes e constantes, provenientes de diversas etnias e grupos sociais, assim foram as primeiras comunidades e assim mesmo experienciaram a presença do Ressuscitado, que prometera estar entre os que se reunissem em seu nome. Como aconteceu «ao anoitecer daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas do lugar onde os discípulos se encontravam...» (Jo 20, 19). Tomé não estava com eles e por isso mesmo não viu nem acreditou. Até que, «oito dias depois, estavam os discípulos outra vez dentro de casa e Tomé com eles. Estavam as portas fechadas, Jesus veio, pôs-se no meio deles e disse: "A paz esteja convosco"» (v. 26). Desta vez o discípulo acreditará, deixando-nos a mais completa das profissões de fé: «Meu Senhor e meu Deus!» (v. 28).

Além dos factos que narram, estes versículos constituem uma imprescindível catequese para a evangelização que se faça em qualquer tempo ou latitude: o (re)conhecimento de Cristo está absolutamente ligado à pertença comunitária e evangelizar é integrar numa comunidade, que é também o seu corpo.

Em sociedades geralmente estáveis e localizadas, como eram as cidades do Império Romano, assim aconteceu com os que aderiram. Nas comunidades rurais da Idade Média e depois, até bem perto de nós, também tudo se dispunha nesse sentido. Mais difícil é fazê-lo hoje, realmente difícil, com a grande dispersão e constante mobilidade das pessoas e das famílias, pelas mais diversas razões.

Se há campos abertos à procura e à criatividade pastoral, este é um deles e dos mais difíceis e urgentes. Com ele se prende o tema da iniciação cristã e da sua necessária ligação à integração comunitária e à reiterada participação eucarística, geralmente com os mesmos irmãos e no mesmo lugar, que o mesmo é dizer "eclesialmente". – Como havemos de fazer isto mesmo, num mundo tão disperso? Mais intercomunitariamente, decerto, mas exatamente como? E não vos escondo que, em constantes reuniões pastorais nos diversos âmbitos da diocese, este é cada vez mais o tema recorrente e quase prioritário.

5. Além do que se passa nas comunidades, ou no plano mais largo da Igreja universal, a diocese do Porto vive o Ano da Fé em sucessivas jornadas vicariais, que seguem em bom ritmo e com alguma divulgação mediática, caracterizando-se assim o ambiente pastoral.

A iniciativa foi preparada em várias reuniões diocesanas – conselhos episcopal, presbiteral e pastoral, reuniões de vigários, etc. – e proposta numa *Carta dos bispos aos diocesanos do Porto*, do passado mês de junho, que apresentou um esboço doutrinal do Concílio e do *Catecismo da Igreja Católica*, para nos recentrar em Cristo e na evangelização a fazer de novo.

Além das respetivas preparações e prolongamentos locais, as Jornadas Vicariais da Fé (sempre ao sábado e domingo) comportam três momentos complementares: uma tarde preenchida com testemunhos, maioritariamente laicais, sobre vivências e serviços nos campos da catequese, dos sacramentos e do apostolado; uma vigília de adoração, em torno de Cristo sacramentado; uma celebração eucarística, onde se dá especial relevo à profissão de fé.

Como o âmbito é vicarial e há presença episcopal em cada uma, as Jornadas têm-se revelado boas ocasiões de encontro intercomunitário e trabalho conjunto, em especial na respetiva preparação, criando ou reforçando um bom hábito, agora imprescindível. Com a recordação feliz que deixarem, poderão até constituir uma boa base para futuras iniciativas que, também a nível vicarial, reúnam periodicamente os fiéis mais comprometidos nos diversos serviços eclesiais. Também para abrirem caminhos de futuro, quer quanto ao anúncio de Jesus Cristo, quer quanto à incorporação ativa numa comunidade de discípulos.

Resumirei nestes termos tudo o que acima disse: a) A reflexão sinodal apurou um quadro universal de urgências, referentes a uma nova evangelização que permita transmitir realmente a fé cristã; b) essa evangelização não é "nova" no seu conteúdo, que é o de sempre: Cristo vivo para a vida do mundo; c) entretanto, devemos fazê-la com ardor, métodos e expressões renovados, porque a globalização e a secularização atuais deslocalizam física e mentalmente as pessoas e retraem-lhes o horizonte no imediato ou quantificável; d) experiências como as que se fazem na diocese, em sucessivas jornadas vicariais de testemunho e celebração, destinam-se a motivar os cristãos no sentido da participação comunitária e intercomunitária, levando-os também a partilhar novos métodos e expressões da evangelização a (re)fazer.